

INTERIOR

SÉRIE: AS PRIORIDADES DO SENHOR JESUS CRISTO

INTRODUÇÃO

Em Marcos 4, o Senhor Jesus nos instrui sobre o fato de que, ainda que tenhamos algum poder para definir para onde estamos indo, é o Senhor quem nos impulsiona para chegarmos onde queremos, seja seguindo a direção errada para a qual tenhamos dirigido a nossa vida, seja seguindo o rumo certo, conforme proposto por Deus. Este foi um tema sobre o qual refletimos em detalhe na 2ª. mensagem desta série.

Nesta mensagem de agora, quero focalizar uma passagem que está em Marcos 7, que foi uma das oito controvérsias em que o Senhor Jesus se envolveu. Na verdade, trata-se de uma das seis controvérsias que Ele teve especificamente com os fariseus. A discussão se dá em torno de duas questões: 1ª.) Quem é que tem autoridade sobre nossas vidas para nos dizer o que é certo e o que é errado? 2ª.) O que é o certo e o errado? Ou seja, qual é a autoridade e qual é a moral que devemos seguir? Jesus, naquela ocasião, estava discutindo sobre esses assuntos com os fariseus, que praticamente representavam o pensamento da religião oficial. Esse grupo religioso tinha como ideal levar a vida no seu dia-a-dia à maneira como um sacerdote devia viver lá no Templo. Era esse o pensamento deles e era assim que pensavam deveria viver todo o povo.

Creio que seja fácil entender como a questão sobre o que é certo e o que é errado, que surge nesta passagem, seja relevante para nós ainda hoje. Várias vezes, ouvi meu pai falar sobre coisas que faziam sentido na época dele e que hoje fazem muito pouco. Ele costumava dizer: “O que é certo é certo!” Mas o que é o certo? No livro de J. P. Moreland chamado “Ame o Senhor seu Deus de todo o seu entendimento”, ele conta a história de um professor que deu nota zero para um aluno que defendia abertamente na classe que não existia certo ou errado. Esse aluno dizia: “O que é certo para você pode ser errado para mim, o que é certo para mim pode ser errado para você.” Ele tinha a visão de que a ética e a moral eram definidas pelo indivíduo. Moreland conta que esse aluno fez um trabalho defendendo essa

moralidade aberta. O professor deu-lhe nota zero e justificou a nota zero escrevendo na prova o seguinte comentário: “Não gosto de capa azul”. Quando o aluno recebeu aquela nota e aquele comentário, obviamente foi expressar sua indignação ao professor. Este foi gentil, deixou-o entrar, e quando o rapaz questionou a nota que havia recebido, ele disse: “Deixe-me lembrar... Você foi aquele aluno que disse que o que é certo para você não é certo para mim, certo?” “Sim”, respondeu o aluno. Então o professor disse: “Pois é, eu não gosto de capa azul”. Poucas semanas depois, esse rapaz se converteu e conseguiu entender que um julgamento de valor não pode ser simplesmente uma questão do que eu gosto ou não gosto, embora seja este um dos critérios mais empregados pela sociedade em nossos dias para definir o que é certo e o que não é certo.

A antiga moralidade, baseada na qual meu pai dizia: “O que é certo é certo!”, é uma moralidade prescritiva, ou seja, antes de acontecer qualquer coisa já está estabelecido o que é certo e o que é errado. No contexto da uma nova moralidade, uma moralidade circunstancial, a visão é a de que esta moralidade antiga, prescritiva, não nos serve mais porque ela é definida por alguém que não está entre nós. Os questionamentos que alguns levantam são os seguintes:

- Como é que pode Deus dizer para você e para mim o que é certo e o que é errado? Não devemos aceitar a autoridade de alguém que é de fora, só vamos aceitar a autoridade da razão.

- Essa moralidade de um Deus definindo o que é certo e o que é errado é absoluta demais para o mundo sofisticado em que vivemos. Temos tantos problemas que uma simples lei, que não leva em consideração certos aspectos da nossa sociedade e do homem de hoje, simplesmente não serve.

Somando os argumentos contra essa moralidade prescritiva, ou antiga moralidade, eles vão argumentar que Paulo foi contra a lei, João foi contra a lei, Jesus mesmo foi contra a lei. Mas, essas pessoas desconhecem

que a lei que o Senhor Jesus condenou não era a lei dada por Deus. Ele mesmo disse que cumpria essa lei. Quando contestava a lei que existia no seu tempo, Jesus não se referia à lei dada pelo Deus de Israel, mas sim à lei desenvolvida pelas tradições dos anciãos do seu povo. Ao falar sobre leis, Jesus disse: *Quem tem os meus mandamentos e lhes obedece, esse é o que me ama* (Jo 14.21). Portanto, há sim mandamentos, há ordens a serem obedecidas, há leis a serem cumpridas.

Naquela ocasião, Jesus se opôs aos fariseus e sua mentalidade, não por causa de eles estarem alinhados com a lei moral estabelecida por Moisés, mas sim porque eles haviam desenvolvido um conjunto enorme de leis, que era a tradição dos anciãos e que existia à parte da Lei de Deus, algumas vezes até anulando o pensamento de Deus.

Sendo assim, quero tratar nesta mensagem o que chamarei de prioridade do **interior**, pois, na verdade, aquele povo estava tão interessado em que certos aspectos exteriores e cerimoniais fossem cumpridos, que isso se dava em detrimento de algumas realidades interiores que deveriam atingir o coração humano.

Talvez, para alguns, ir à igreja seja tudo o que se precisa. Talvez você alimente a idéia de que entrar na casa do Senhor, no templo do Senhor, uma vez por semana, ou quem sabe uma vez por mês, e vivenciar nesse ambiente certas experiências seja tudo o que você precisa: um banho de cerimônia e o cumprimento de algumas regras.

Entretanto, eu gostaria de considerar duas perguntas que os fariseus fizeram para Jesus. Elas estão dentro de uma única questão, mas há de fato duas perguntas sendo feitas, uma geral e outras específica: O que é que tem autoridade sobre nós? O que é que devemos considerar como sendo certo ou errado?

1ª. QUESTÃO: A AUTORIDADE

Antes de tudo, deixe-me contextualizar a passagem que vamos estudar agora. Jesus vinha andando pelas cidades e multidões O seguiam. Várias pessoas tentavam tocar na orla das Suas vestes e várias pessoas que tocavam em Jesus eram curadas só por terem feito isso. Saindo dessa atividade no meio da multidão, Ele se encontra com um grupo de fariseus, e aí acontece o seguinte: *Os fariseus e alguns dos mestres da lei, vindos de Jerusalém, reuniram-se a Jesus e viram alguns dos seus discípulos comerem com as mãos impuras, isto é, por lavar* (Mc 7.1-2). É interessante lermos esta passagem em Marcos porque este é o evangelho cuja principal fonte é Pedro. Marcos dirige o seu evangelho para os romanos, que não conheciam nem a teologia nem

a cultura judaica. Sendo assim, de quando em quando, Marcos insere alguma explicação que nos ajuda muito. Nesta passagem, ele explica qual era problema: eram as *mãos impuras, isto é, por lavar*. Ou seja, estava fora dos costumes judaicos comer sem lavar as mãos. Mas não é apenas isso. Marcos nos fornece outras explicações importantes: *Os fariseus e todos os judeus não comem sem lavar as mãos **cerimonialmente**, apegando-se assim à tradição dos anciãos. Quando chegam da rua não comem sem antes se lavarem. E observam **muitas outras tradições**, tais como o lavar de copos, jarros e vasilhas de metal* (Mc 7.3-4). Note que a discussão que se dá aqui entre Jesus e os fariseus não abrange a questão da lei de Moisés, mas a tradição dos anciãos, que eles queriam fazer valer para todo o povo.

Esses radicais religiosos, os fariseus, eram descendentes de um povo que viveu um a dois séculos antes de Cristo, os *Hassidim*, conhecidos como um povo muito piedoso. No tempo de João Hircano, que era sumo sacerdote e membro da dinastia dos Hasmoneus no final do segundo século antes de Cristo, esse grupo dos fariseus não concordava com a maneira pela qual os saduceus, que formavam a liderança da nação, estava sendo permeada pela cultura, princípios e modos de viver dos gregos. Não conformados com a identificação que os saduceus tinham com aquilo que era grego, os fariseus acabaram rompendo com essa liderança e fundando aquilo que era praticamente uma seita ou um partido radical.

Os fariseus acreditavam em coisas do seguinte tipo: se eu tocar alguém que é impuro, esta impureza não atingirá apenas a minha mão, mas também o meu espírito. Portanto, qualquer coisa que eu fizer, mesmo que externa a mim, mas que possa ser classificada como contaminada, vai me contaminar fisicamente, cerimonialmente e espiritualmente. Os fariseus queriam viver a vida dentro desse padrão elevadíssimo, conforme a tradição deles, e queriam impor isso aos demais.

Nesta passagem que estamos focalizando, eles encontram Jesus e os que O seguiam vindos de uma caminhada em que as pessoas se tocavam e se comprimiam. Além disso, havia ocorrido anteriormente um episódio em que os discípulos de Jesus, com fome, haviam colhido espigas de milho em um dia de sábado e comido sem lavar as mãos, sem qualquer cerimônia.

Ao colocar esses pontos, é preciso ficar claro que a questão aqui não tem nada a ver com aspectos de higiene pessoal. Trata-se sim de uma questão cerimonial, pois os fariseus acreditavam que, ao agirem dessa forma, os discípulos de Jesus estavam contaminados espiritual e cerimonialmente. É neste contexto que surgem as perguntas.

A primeira pergunta está relacionada a autoridade: O que é que tem autoridade sobre a sua e a minha vida? E a segunda é sobre o que define o que é certo e o que é errado. Algumas pessoas vão dizer: “O que é certo e o que é errado é o que um profissional disser. Se eu for a um médico e ele disser: ‘Isto é certo’, então é certo; se o médico disser que é errado, então é errado. Se vou ao psicólogo e ele diz que isto é certo, então é certo, mas se ele diz que é errado, é errado.” Porém, se alguém vai a um pastor e ele dá a sua opinião sobre o que é certo e o que é errado, alguns vão dizer: “Eu sinto que isso é certo”; outros dirão: “Olha, a minha experiência me diz que eu estou bem quando faço isso”.

Observe novamente a pergunta em Mc 7.5: *Então os fariseus e os mestres da lei perguntaram a Jesus: Por que os seus discípulos não vivem de acordo com a tradição dos anciãos, em vez de comerem o alimento com as mãos impuras?* É importante saber que aqueles judeus haviam transformado os dez mandamentos da Lei em mais de seiscentos mandamentos. Somente o mandamento que estabelecia o dever de guardar o sábado havia sido desdobrado em setenta mandamentos. Essa era a tradição, e a pergunta a Jesus é: “Por que é que os seus discípulos não vivem de acordo com a tradição dos anciãos?”

Para aqueles homens, a tradição era suficiente e tinha toda autoridade. Nos nossos dias, em várias igrejas a autoridade é a tradição evangélica. Algumas vezes, acontece de a Bíblia ser citada junto da letra de alguma canção cristã famosa em um determinado livro. E eu não vejo nenhum problema nisso. Eu vejo problema quando as pessoas pensam que a canção é parte da Bíblia. A tradição acaba se igualando ou até superando aquilo que é revelação de Deus.

É interessante a maneira como o Senhor Jesus responde ao questionamento dos fariseus: *Bem profetizou Isaías acerca de vocês, hipócritas; como está escrito: “Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. Em vão me adoram; seus ensinamentos não passam de regras ensinadas por homens”* (Mc 7.6-7). Observe que Jesus cita o que o profeta Isaías havia dito, dizendo o seguinte: “Isaías falou isso de vocês, vocês sabiam disso?” Se um fariseu não conhecesse as Escrituras e perguntasse: “O que a Bíblia diz a meu respeito?”, a resposta, segundo Jesus, seria: “Que você é um hipócrita, que a sua religião e a sua fé são somente função do que está nos seus lábios e não no seu coração.”

Mas, Jesus continua. Observe o que Ele diz: *Vocês negligenciam os mandamentos de Deus e se apegam às tradições dos homens* (Mc 7.8). Mas, de fato, como é que eles negligenciavam os mandamentos?

Os judeus tinham dois livros que acabavam compondo um terceiro. O primeiro livro a que me refiro era a *Mishnah*, um tratado com divisões na área de agricultura, de festas, de matrimônio, área civil, cerimonial e penal. Toda a Lei (*Torah*) havia sido tomada como base para eles escreverem esse tratado nessas áreas. Além da *Mishnah*, eles tinham um outro livro, chamado *Gemara*, que era um comentário sobre a *Mishnah*. Ou seja, havia o texto de Moisés (*Torah*), tinha o tratado que eles escreveram (*Mishnah*) e havia o comentário sobre esse tratado (*Gemara*). Várias vezes, eles olhavam para diferentes situações, ignoravam a Lei e ficavam somente com esse conjunto de *Mishnah* e *Gemara*, que juntos formavam o *Talmude*.

Num *targum*, que é um comentário sobre o Antigo Testamento escrito em língua aramaica, foi dito que eles deviam se ocupar de dia com o estudo das Escrituras e à noite com a *Mishnah*. Ou seja, eles acabavam tratando as Escrituras e a *Mishnah* como equivalentes. Mas, vão além disso. Um rabino disse o seguinte: “As Escrituras são água, a *Mishnah* é o vinho e a *Gemara* é o vinho aromático.” Esta frase já mostra como as Escrituras haviam sido relegadas a um plano secundário. A tradição era o que valia: o que a *Mishnah* dizia valia, o que a *Gemara* dizia também valia, e, dessa maneira, eles acabavam negligenciando e colocando em segundo plano aquilo que as Escrituras diziam.

Observe o que Jesus disse a eles em Mc 7.9: *Vocês estão sempre encontrando uma boa maneira para pôr de lado os mandamentos de Deus, a fim de obedecerem às suas tradições!* Ou seja, aquilo não era simplesmente fruto de um equívoco hermenêutico em que houvessem falhado na interpretação da Bíblia. Na verdade, os fariseus estavam usando voluntária e conscientemente aquele procedimento para se livrarem do que as Escrituras diziam sobre o que é certo ou errado.

Mas Jesus continua e cita um exemplo do que eles faziam: *Pois Moisés disse: “Honra teu pai e tua mãe”, e “Aquele que amaldiçoar seu pai ou sua mãe será condenado à morte”* (Mc 7.10). As Escrituras diziam isso, e o que é que os fariseus faziam? Nos versículos 11 e 12, Jesus diz: *Mas vocês afirmam que se alguém disser a seu pai ou a sua mãe: “Qualquer ajuda que vocês poderiam receber de mim é Corbã”, isto é, uma oferta dedicada a Deus, vocês o desobrigam de qualquer dever para com seu pai ou sua mãe.*

Vamos entender o que esse texto está dizendo. Corbã era uma oferta específica, era um voto que se podia fazer. Colocando a situação nos dias de hoje, imagine que meu pai me diz: “Meu filho, você tem três carros. Você pode me dar este que é o mais simples de

todos?” Se eu tenho e posso fazer isso, seria justo eu honrar meu pai dando-lhe o carro e oferecendo a ele todo cuidado que uma pessoa mais velha requer e merece. Mas, nessa hora, aquele judeu esperto diria o seguinte: “Pai, isso que você está me pedindo é Corbã. Eu o dei para o Senhor Deus.” Portanto, o que ele deu para Deus, não podia dar ao pai. Se ele classificasse algo como Corbã, ele nem tinha que entregar ao Senhor naquele momento. Depois da morte, se resolvia o assunto. Assim, eles usavam dessa sutileza para se livrarem da responsabilidade de honrar pai e mãe.

As tradições dos fariseus eram feitas justamente com o propósito de se livrarem de responsabilidades que a Lei determinava sobre o certo e o errado. No presente caso, o certo é honrar o pai e a mãe, mas eles davam um “jeitinho”. Na sequência, o Senhor Jesus afirma isso claramente: *Assim vocês anulam a palavra de Deus, por meio da tradição que vocês mesmos transmitiram. E fazem muitas coisas como essa* (Mc 7.13). Ou seja, embora se julgassem um povo religioso, a vida deles não era dirigida pelas Escrituras, mas por tradições que eram respostas aos desejos dos seus próprios corações. Eles tentavam adequar as Escrituras através das tradições para dizer: “Isso é certo e isso é errado”.

Na visão dos fariseus, o que tinha autoridade era a tradição deles. Na visão de alguns de nós, o que tem autoridade é o que nós achamos, ou o que sentimos, ou o que o profissional tal disse. Às vezes, sou procurado por alguma pessoa, que chega à minha sala e diz: “Eu gostaria de lhe expor uma situação e queria ouvir a sua opinião”. Sempre que ouço isso, eu digo: “Por que é que você quer ouvir a minha opinião se ela não vale nada? A minha opinião vale tanto quanto a sua, mas se você quer ouvir a opinião de Deus, então é outra história.”

Qual é a voz que diz a você o que é certo e o que é errado? Algumas vezes, eu ouço jovens perguntando: “É certo ‘ficar’?” “É certo ir para a balada?” “É certo beber?” O meu colega, pastor Vlademir Hernandez, já me chamou a atenção para isso algumas vezes, dizendo: “As pessoas não estão tão interessadas em saber o que é certo ou o que é errado, mas sim em saber até que ponto elas podem avançar em direção ao que é errado”.

A primeira pergunta que os fariseus fazem a Jesus, reivindicando a autoridade da tradição, recebe do Senhor uma resposta muito crítica. A tradição pode ser interessante, pode ter algum valor, mas jamais tem o peso das Escrituras. Elas não podem ser equiparadas às Escrituras, muito menos substituí-las. Quando se substitui as Escrituras pelo que for, se coloca a palavra e a vontade daquele que diz o que é certo ou errado, Deus, em segundo plano. Mas eles driblavam, ignoravam, desprezavam e anulavam essa palavra.

2ª. QUESTÃO: A MORALIDADE

Essa questão da autoridade era uma questão de caráter geral. Vamos agora tratar de uma segunda questão que é bastante específica. Antes, vamos novamente lembrar a pergunta feita em Mc 7.5: *Por que os seus discípulos não vivem de acordo com a tradição dos anciãos, em vez de comerem o alimento com mãos impuras?*

O que é que se pode ou não se pode comer? Havia uma divergência entre dois pensadores da época, Hillel e Shammai. De fato, Hillel e Shammai discordavam em muitas coisas, mas quando se tratava dos cerimoniais de lavar prato, copo, mãos, sobre os quais havia dezoito decretos na Lei, eles concordavam plenamente: era absolutamente necessário e fundamental que um cidadão se purificasse cerimonialmente. Assim, quando aqueles fariseus vão questionar Jesus acerca de se comer alimento com as mãos impuras, eles entendiam que ao comerem o alimento sem lavar as mãos, eles estavam espiritual e cerimonialmente impuros.

Depois das respostas dadas aos fariseus, acontece o seguinte: *Jesus chamou novamente a multidão para junto de si e disse: “Ouçam-me todos e entendam isto: Não há nada fora do homem que, nele entrando, possa torná-lo ‘impuro’. Ao contrário, o que sai do homem é que o torna ‘impuro’. Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça!”* (Mc 7.14-16). Os discípulos não conseguem entender imediatamente o que Jesus quer dizer com isso. Em outro momento, eles chegam a Jesus e dizem: “Senhor, explica-nos o que o Senhor estava falando naquela parábola”. Nessas horas, o Senhor chegava a ser cruel com os discípulos (v.18): *Será que vocês também não conseguem entender? Não percebem que nada que entre no homem pode torná-lo ‘impuro’?* E aí explica (v.19a): *Porque não entra em seu coração, mas em seu estômago, sendo depois eliminado.*

Com esta colocação, Jesus está dizendo: “Todos os alimentos são puros. Posso comer qualquer coisa, não existe nada que eu possa comer que vá me contaminar espiritualmente ou moralmente”. Para aquelas pessoas, andar em retidão e integridade era manter algumas aparências e alguns princípios externos. Era um verniz. Eles tinham a visão de que moralidade era manter as aparências: faça isso, cumpra aquilo, ore assim, vá ao templo. Eles confiavam, acreditavam e descansavam nesses rituais. Mas Jesus diz: “Não há comida que você coma que lhe afete espiritual e cerimonialmente”.

Na sequência, de novo Marcos dá uma explicação para os não judeus: *Ao dizer isso, Jesus declarou “puros” todos os alimentos* (Mc 7.19b). O problema de contaminação e impureza espiritual não está

fora de nós, mas sim dentro de nós. Não era comer o alimento com mão suja que acabava comprometendo a vida espiritual. Jesus diz: “O seu problema está dentro de você, o seu problema está no seu interior”.

Eu me lembro quando, anos atrás, alguém com quem eu estava estudando a Bíblia me falou que, por uma série de angústias, na noite anterior ele não tinha conseguido dormir. E aí ele disse: “Eu deitei na minha cama, abri a Bíblia e a coloquei sobre a minha cabeça, e aí consegui dormir”. Ninguém lhe tinha ensinado isso, mas ele desenvolveu a sua própria tradição, muito farisaica por sinal.

Jesus diz que o problema não está fora, o problema está dentro de você, o problema está dentro de cada um de nós. Nos versículos 20 a 22, Ele diz: *E continuou: “O que sai do homem é que o torna ‘impuro’. Pois do interior do coração dos homens vêm os maus pensamentos, as imoralidades sexuais, os roubos, os homicídios, os adultérios, as cobiças, as maldades, o engano e a devassidão, a inveja, a calúnia, a arrogância, e a insensatez.* Ou seja, Ele diz que os problemas não vêm de fora, não vêm do ambiente, isso está dentro de você. E não são medidas cerimoniais, como “eu vou à igreja, eu coloco a Bíblia sobre a cabeça, eu não corto o cabelo, eu não depilo a perna”, que tratam com o problema, com a origem, com o coração. Você sabe disso: eu posso manter mãos limpas, vasilhas limpas, copos limpos, pia limpa, mas o coração cheio de podridão. O que o Senhor queria dizer é que o problema do homem não está fora dele, não está no ambiente. Com certeza, o ambiente pode ajudar todo esse potencial para você se inclinar ou se entregar a essas “paixões” do seu coração, mas elas já estão lá. O potencial já está lá.

Anos atrás, fui comer num restaurante com uns amigos e o filho de um deles, um menino de 7 ou 8 anos, quis ir comigo. Chegamos à praça de alimentação de um *shopping center* e esse menino foi com o pai escolher o seu prato. Escolhido o prato, ele pegou dinheiro do bolso para pagar a comida e o pai perguntou: “Onde é que você arrumou esse dinheiro?!” Ele disse: “Foi lá, no carro do tio Fernando”. Ninguém o ensinara a fazer isso, mas já estava lá: esse é o coração humano, é dali que procedem os roubos, os homicídios, os adultérios, as cobiças, as maldades, o engano, a devassidão, a inveja, a calúnia, a arrogância, a insensatez. Todos esses males vêm de dentro e tornam o homem impuro.

E sabe de uma coisa? Eu não sei se você tem alguma dúvida quanto a isso, mas se tiver, deixe-me lhe dizer: “Assim somos todos nós”. Você pode olhar para o lado e talvez encontrar uma garota meiga, com uma cara de boazinha... Não importa, o coração dela é assim, é enganoso e corrupto. Exatamente como o meu e o seu.

Certa vez, eu estava com uns amigos tomando uma refeição e, junto, estava uma garotinha de cerca de dez ou onze meses sentada num cadeirão e a mãe tentando lhe dar uma sopinha. A garotinha estava piscando, com sono, quase cochilando e, de repente, ela tombou a cabeça para frente, sucumbindo ao sono. Eu olhei para a mãe e disse: “Olhe, cuidado: essa menina pode cair.” A mãe fez um sinal com a cabeça e me disse: “Que nada, olhe só.” A mãe a pegou no colo, colocou-a no chão e ela saiu andando! Imagine só: com menos de um ano, essa criança já tinha desenvolvido aquela artimanha de enganar quem estivesse lhe dando comida, porque ela não queria comer. Ninguém escapa!

Anos atrás, eu vi na capa de uma revista a foto de um bebê fofinho, pelo qual toda mulher se derrete, enrolado num roupão branco, belíssimo, e com um carimbo em cima que dizia: “Totalmente depravado.” Esta é a realidade do ser humano! De geração em geração, nós passamos esse coração marcado pela corrupção. E então, qual é a solução para isso? Não é freqüentar assiduamente a igreja, não é colocar a Bíblia sobre a cabeça, não são cuidados como cortar ou não cortar cabelo, porque tudo isso é tradição humana.

CONCLUSÃO: SOLUÇÃO

1. Como posso ser aceito por Deus?

Nesta área de solução, gostaria primeiramente de considerar a condição daquelas pessoas que ainda têm uma idéia incompleta de como podem ser aceitas por Deus, sem esquecer a maneira como Deus vê o nosso coração. Ou seja, gostaria que você soubesse que, por mais que mantenha as aparências e por mais que ache que Deus tem uma boa impressão a seu respeito, não há chance de você causar uma boa impressão em Deus.

Para comentar sobre isso, quero lançar mão de uma passagem que está em João 2.23: *Enquanto estava em Jerusalém, na festa da Páscoa, muitos viram os sinais miraculosos que ele estava realizando e creram em seu nome.* É interessante que, diante das manifestações milagrosas de Jesus, várias pessoas creram em nEle. Olharam para Ele, viram o que Ele fazia, se impressionaram com isso e, de alguma maneira, creram nEle. Porém, o texto seguinte diz: *Mas Jesus não se confiava a eles, pois conhecia a todos* (Jo 2.24). Eles expressaram alguma fé em Jesus, julgaram Jesus com credibilidade a partir do que havia feito, mas desses que manifestaram algum tipo de fé é dito que *Jesus não se confiava a eles.* Talvez você pense o seguinte: “Pôxa, mas aquele pessoal era ruim mesmo, hein?” Era sim, mas o pior de tudo é que eles eram iguais a você.

Observe o que o texto diz a seguir sobre Jesus: *Não precisava que ninguém lhe desse testemunho a respeito do homem, pois Ele bem sabia o que havia no coração do homem* (Jo 2.25). O problema não era só daquelas pessoas, o problema é da espécie humana. O Senhor conhece profundamente o coração do ser humano, e Ele diz: “É de lá que procedem os maus pensamentos”. Eles olharam para Jesus, se impressionaram com Jesus, mas Jesus não se impressionou com eles, porque Ele conhecia o coração deles, como conhece o coração de cada um de nós hoje.

Em João 3, um desses vem conversar com Jesus. Ele é um homem religioso, pertencente à seita dos fariseus, alguém que tentava cumprir a Lei e seguia a linha nos padrões de um sacerdote. Era um homem bem colocado na sociedade. É um desses que expressa alguma fé em Jesus, mas em quem Jesus não confia. Esse homem chega a Jesus e diz: *Mestre, sabemos que ensinas da parte de Deus* [note: de alguma maneira, ele crê em Jesus], *pois ninguém pode realizar os sinais miraculosos que estás fazendo, se Deus não estiver com ele* (Jo 3.1). Ele sabe que Jesus vem da parte de Deus, mas Jesus responde a ele: *Digo-lhe a verdade: Ninguém pode ver o Reino de Deus, se não nascer de novo* (Jo 3.3). Nicodemus - este era o seu nome - não entende o que isto significa e chega a perguntar: “Por acaso eu vou ter que voltar para o ventre da minha mãe? Por acaso eu vou ter que nascer de novo? Como é que é isso?” E o Senhor passa a lhe explicar que não é de um novo nascimento carnal que precisamos.

Alguns lançam mão dessa passagem para defender a idéia da necessidade de reencarnação, mas sobre a possibilidade de reencarnação, Jesus diz ali mesmo: “Não, não é isso!” Mesmo porque, se você nascesse novamente na carne, o seu coração continuaria sendo da mesma espécie e qualidade. Jesus diz: “Não, eu estou falando é do nascimento da água e do Espírito”. E ali (Jo 3.5-21) Jesus expõe a razão da sua vinda. Com as explicações a Nicodemus, Ele já deixa entrever a razão da sua morte, ficando claro que foi para tratar com esse nosso coração pecaminoso que Ele morreu naquela cruz e levou tudo aquilo que era e é pecado em nosso coração. Pecados que, muitas vezes, só você conhece ou outros pecados dos quais alguém mais é testemunha. Pelo mal e pelos pecados que estão em nosso coração, Jesus foi colocado na cruz e sofreu o julgamento.

Algumas pessoas talvez vão ao culto dominical porque gostam da música, ou porque gostam da atmosfera, ou por causa dos “bons fluidos”. Tudo isso eu já ouvi falar, mas deixe-me dizer que não é esse ambiente, não são esses supostos fluidos, não é essa música que atinge o seu coração. O seu coração corrupto

foi esvaziado dos seus pecados, que foram colocados naquela cruz e pelos quais Jesus foi julgado, condenado e morto. **É única e simplesmente por conta da obra de Jesus, que substituiu você naquela cruz, que você tem chance de ter o seu coração limpo.** Não é com cerimonial, não depende do ambiente. Se você está buscando uma solução para o seu coração e para o seu pecado, entenda que não é o clima religioso que vai resolver.

Isso ficou claro para mim no dia 17 de fevereiro de 1969. Eu já carregava as minhas culpas, mas entendi que Deus me amou e pagou os meus pecados, e naquele dia eu me apropriei dessa salvação. Não foi o ambiente, não foi com uma Bíblia sobre a cabeça, nem foi por uma peregrinação ou algum sacrifício. Mas era um presente que Deus me dava, o mesmo que Ele lhe dá (ou pode lhe dar), basta somente crer. Se você ainda não tomou essa decisão, é tempo de fazê-lo aqui e agora, ou à noite, ao encostar sua cabeça no travesseiro, porque não existe uma cerimônia padrão para você tomar essa decisão. É você e Deus, em qualquer lugar. E Deus está lhe dizendo: “Receba o meu Filho e você será recebido”.

2. Como posso me manter dentro do plano de Deus?

Mas, além de receber a Cristo como oportunidade para limparmos o nosso coração e começarmos uma nova vida com Deus, a pergunta com a qual quero encerrar esta mensagem é: “Como é que podemos no dia-a-dia nos manter dentro desse padrão de Deus?” Porque, mesmo depois de aceitar a Cristo, você vai ter intenções malignas. Alguns dizem: “Ah, eu aceitei a Cristo, mas de vez em quando passa cada coisa em meu coração e na minha mente!” Bem, deixe-me lhe dizer: “Vai continuar passando até o dia da sua morte!” O Senhor disse o seguinte: *Dei-lhes a tua palavra e o mundo os odiou, pois eles não são do mundo, como eu também não sou. Não rogo que os tires do mundo, mas que os protejas do Maligno* (Jo 17.14-15). Nós somos resgatados, recebemos a Palavra, mas estamos no meio de um mundo hostil, repleto de pessoas que não temem a Deus e que é coordenado pelo Maligno.

No versículo 17, Jesus diz: *Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade.* Com isso, o que Ele quer dizer é que o que vai tratar o seu coração é a Palavra. É ela que faz diferença dentro de nós. No Salmo 119, é feita uma pergunta (v.9): *Como pode o jovem manter pura a sua conduta?* Talvez esta pergunta esteja na cabeça de muitos jovens: “Como é que isso é possível?!” Mas a pergunta feita aqui não tinha essa conotação de já achar que não é possível. A pergunta é: “Isso é possível? Como?” E a resposta é: *Vivendo de*

acordo com a tua Palavra. Nos versículos seguintes, o salmista diz: *Eu te busco de todo coração: não permitas que eu me desvie dos teus mandamentos. Guardei no coração a tua Palavra, para não pecar contra Ti.* Observe, portanto, que já no Antigo Testamento as pessoas tinham essa revelação: não é a tradição, mas é essa Palavra, cultivada pela leitura, pela meditação, pelo estudo, pela memorização, que pouco a pouco vai a me purificar.

Certa vez, eu estava num grupo de doze pessoas. Abrimos um texto das Escrituras e começamos a estudar. E eu pude perceber a maneira como aquela Palavra foi nos denunciando, mostrando os nossos pecados, e a necessidade da confissão desses pecados. É a Palavra que faz diferença. É por isso que o salmista diz (Sl 119.33-37): *“Senhor, dá-me entendimento para que eu guarde a tua lei”, “dirige-me pelos caminhos dos teus mandamentos”, “inclina o meu coração para os teus testemunhos”, “desvia os meus olhos das coisas fúteis”, “faz-me viver nos caminhos que traçaste”.*

Como vimos acima, na visão de Jesus também a maneira de tratar no cotidiano com o seu coração é a Palavra, é o tempo que você dedica para meditar nessa Palavra. Paulo, quando escreve a Timóteo, diz (2 Tm 3.16-17): *Essa palavra é útil para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir.* É a Palavra que faz isto. Não é o banho, não é a cerimônia, não é o ritual. Se você tem a expectativa de levar uma vida cristã baseada em ir ao culto uma vez por semana, você tem a receita certa para uma vida espiritual superficial e fútil. É através de uma exposição constante dos seus olhos, do seu coração, da sua mente à Palavra de Deus, que ela começa a denunciar, repreender, corrigir e a treiná-lo. Os fariseus se contentavam com um simples ritual. Jesus diz: *“Bobagem. Vocês vão ter um encontro comigo. Eu transformo corações”.* E essa transformação se dá pela Palavra.

Moços e moças, é possível andar no caminho de Deus. Não só é possível como é o melhor caminho para se andar. Mas isso acontece à medida que o seu coração está sendo exposto, permeado e lavado por essa Palavra. A prioridade para termos uma vida que agrade a Deus não é a participação de um cerimonial ou de um ritual. *“Ah, eu cantava no coral, eu ia à igreja todo domingo, eu contribuía regularmente.”* Amados, se não for com a Palavra tocando o seu coração (e a prioridade é o seu coração!), isso não tem valor nenhum, porque é somente esse “banho” que você toma aqui, agora, sai e esquece.

Depois escolhe os filmes que quer, o ambiente que quer, o tipo de festa que quer, o tipo de conduta que quer, e nada disso está permeado pela Palavra. Dessa forma, vocês estarão, de fato, negligenciando o que Deus fala. Deus não quer a sua casca, Ele quer o seu âmago. Ele quer transformar aquilo que há de mais corrupto que está em seu interior. Ele quer o seu coração. Esta é a prioridade!

Vamos orar. Se o Senhor tem mostrado alguns pecados e falhas em sua vida, quero convidá-lo a confessar a Ele agora, silenciosamente. Desfrute do seu perdão. *Pai celestial, livra-nos da hipocrisia, da representação, de nos contentarmos com as aparências de participarmos de alguns cerimoniais. Livra-nos de pensar, ó Pai, que marcar presença dominicalmente, que se fazer ver na igreja seja suficiente para levar uma vida cristã nos padrões que Te agradam. Livra-nos de confiarmos em rituais, cerimoniais e procedimentos que não atingem o nosso coração. Que cada um de nós saiba da prioridade que temos de viver não para os outros verem, não baseados em rituais externos, mas de viver a realidade de um coração continuamente exposto à Tua Palavra e que, dessa maneira, sejamos confrontados e transformados. Já ouvimos, ó Pai, o quão fundamental, estratégico e crucial é a nossa atitude com a Tua Palavra. Que essa atitude nos permita estarmos expostos àquilo que nos transforma, que nos santifica, que nos purifica: a Tua Palavra. Eu oro, ó Pai, em nome de Jesus, Amém.*